

Brasil, país do futuro: segundo Stefan Zweig e Agostinho da Silva¹

Henryk Siewierski*

1.

Há muito que o Brasil se encontra na rota dos que saem do Velho Mundo em busca do país do futuro. Viagem rumo ao sol nascente rejuvenesce, faz atrasar relógio, às vezes bastante, como foi no caso de Herman von Keyserling, que na América do Sul encontrou “a terra do terceiro dia da Criação”. Procurava e encontrava-se não só a terra virgem, mas também a terra em que tudo que é plantado dá, terra que guardava no seu bojo os enclaves afortunados do futuro... do passado: os Eldorados, as Atlântidas, os paraísos *reencontrados* ou reconquistados.

Não foram poucos os representantes das culturas diferentes, cuja passagem pelo Brasil resultava em experiências que rendiam obras significativas, testemunhos singulares de conhecimento do Outro e de autoconhecimento, questionamentos dos alicerces da própria civilização, projetos para o futuro, utópicos ou não.

Do quadro dos grandes testemunhos dessa passagem pelo Brasil também fazem parte Stefan Zweig (1881-1942) e Agostinho da Silva (1906-1994), os quais de uma forma singular, cada um a seu modo, testemunhavam o presente e vislumbravam o futuro desse país e nele a esperança de um futuro melhor para o mundo. São testemunhos de pesos diferentes em termos de tempo vivido no Brasil e de lugar que o Brasil ocupa na obra. O tempo de permanência de Stefan Zweig no Brasil não passa de um ano e meio, enquanto Agostinho da Silva vive no Brasil cerca de vinte e três anos. Na obra de Stefan Zweig, o Brasil ocupa um lugar episódico, embora de destaque, como o epi-

* Henryk Siewierski é professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Publicou, entre outros, *Encontro das nações* (Paris, 1984), *Como ganhei o Brasil de presente* (Cracóvia, 1998), *História da literatura polonesa* (Brasília, 2000), *Um paraíso imperdível. Silva rerum amazônico* (Cracóvia, 2006), organizou o livro *Vida conversável* de Agostinho da Silva (Brasília, Lisboa, 1994), com quem também traduziu *Mensagem* de Fernando Pessoa para o polonês (Varsóvia, 2006). Traduziu várias obras da literatura polonesa para o português.

sódio do final dramático da sua vida. Na obra de Agostinho da Silva, o Brasil é um tema privilegiado, além de ser uma experiência de vida intensamente inserida na história desse país.

2.

Brasil, país do futuro, de Stefan Zweig, publicado em 1941, um *best-seller* na época, hoje guardado apenas nos arquivos da memória brasileira, principalmente como um testemunho de uma paixão pelo Brasil de um eminente escritor europeu, que, ao fugir da Europa em guerra, no Brasil encontrou a paz. Na Europa, até hoje o livro é vendido como uma obra clássica da literatura europeia sobre o Brasil. E no Brasil, o título do livro ainda é lembrado, porém nem sempre com o significado dado pelo autor. A expressão “Brasil, país do futuro” funciona hoje mais como uma expressão irônica, que, no fundo, expressa uma desconfiança quanto ao futuro do país, cujo presente deixa tanto a desejar.

Stefan Zweig veio ao Brasil pela primeira vez em agosto de 1936, para uma estada de dez dias a convite do governo brasileiro, depois que os seus livros foram queimados pelos nazistas em Berlim e ele ter sido obrigado a se mudar para Londres. Assim descreve a sua primeira impressão do país, o amor à primeira vista:

“Deu-se então a minha chegada ao Rio, que me causou uma das mais fortes impressões de minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, comovido, pois me deparou não só uma das mais magníficas paisagens do mundo, nesta combinação sem igual de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas também uma espécie inteiramente nova de civilização (...). E com surpreendente velocidade desvaneceu-se a presunção europeia que muito superfluamente trouxera como bagagem. Percebi que havia lançado um olhar para o futuro do mundo”.²

Foi apenas uma estada de dez dias a convite do governo brasileiro, no caminho a Buenos Aires, para participar do congresso do Pen-Club Internacional. Mas foi o suficiente para despertar o desejo de retorno. Numa carta do Rio a sua esposa Frederike, diz: “O Brasil é incrível, eu poderia chorar como uma criança por ter de ir embora.”³ E na outra: “Uma coisa é certa: esta não é a última vez que estou aqui. Um país ideal para mim.”⁴

Em janeiro de 1940, Stefan Zweig volta ao Rio com a finalidade de preparar o livro sobre o Brasil. Há quem afirme que, para conseguir o visto

permanente, ele tenha prometido escrever um “livro sobre o Brasil”⁵ No final de 1940 viaja com a sua mulher de volta para os Estados Unidos, por conta do governo brasileiro. Este favor provoca desconfiança da parte dos adversários do regime ditatorial e prejudica a recepção do seu livro.

Pela terceira vez Stefan Zweig chega com a sua esposa ao Rio de Janeiro em agosto de 1941. Desta vez a recepção é bastante fria, uma vez que o seu livro não foi bem recebido pela crítica brasileira. No dia 23 de fevereiro do ano seguinte, o casal Zweig é encontrado morto na sua casa em Petrópolis. Na carta de despedida, escrita nas últimas horas da sua vida, Stefan Zweig diz:

“Antes de por livre vontade e em plena consciência despedir-me desta vida, sinto-me impelido a cumprir um último dever: o de agradecer de todo coração a este maravilhoso país, o Brasil, que deu a mim e a meu trabalho tão boa e acolhedora tranqüilidade. A cada dia apreendi a amar mais intensamente este país, e em lugar algum eu teria preferido recomeçar a minha vida desde as bases, depois que o mundo de minha própria língua soçobrou para mim e minha pátria espiritual, a Europa, passou a autodestruir-se. O Brasil é incrível – um país para mim.”⁶

Paradoxalmente, o que poderia ter sido um prólogo de uma nova etapa da vida do escritor tornou-se o seu epílogo.

3.

Stefan Zweig conhece o Brasil depois de viver o trauma da Europa em guerra, depois de ficar abalada a sua fé na Europa unida, pacífica e fraterna, empenhada em progresso social e tecnológico e cultivo dos valores espirituais. Um euro-entusiasta transforma-se num euro-cético e o leitor do *Brasil, país do futuro* pode ter a impressão de que já não há justos no Velho Continente, todo condenado, em guerra fratricida e suicida “de todos contra todos”⁷

O que, segundo Zweig, coloca o Brasil “numa posição especial entre todas as nações do mundo no que respeita ao espírito e à moral” é ter resolvido de uma forma admirável uma questão de maior importância no mundo atual, ou seja, “como poderá conseguir-se no mundo viverem os entes humanos pacificamente uns ao lado dos outros, não obstante todas as diferenças de raças, classes, pigmentos, religiões e opiniões?”⁸ Chama a atenção a ênfase que Zweig dá à miscigenação das raças como a origem de uma nação homogênea, como se o apagamento das diferenças fosse a condição de uma convivência pacífica.

“Ao passo que na Europa agora mais do que nunca domina a quimera de quererem criar seres humanos “puros”; quanto à raça, como cavalos de corrida ou cães de exposição, a nação brasileira há séculos assenta no princípio da mescla livre e sem estorvo, da completa equiparação de preto, branco, vermelho e amarelo.”⁹

Stefan Zweig, um europeu desesperado, encontra no Brasil uma alternativa para um mundo em processo de autodestruição e constrói a sua visão idealizada e utópica à custa do apagamento de verdades incômodas do seu passado e do seu presente. A idealização dos processos e dos resultados da miscigenação brasileira deve ser, em certo grau, o resultado de um trauma vivido na Europa assombrada pelo nazismo, mas também não deixa de resultar de uma autêntica opção pela mescla e homogeneidade.

Se o Brasil para Stefan Zweig é “um dos países mais modelares e, por isso, um dos mais dignos de estima”, é porque a sua classificação privilegia mais o “espírito pacífico e humanitário” e a felicidade do que “o valor industrial, financeiro e militar de um povo” ou a “organização” e o “conforto”.¹⁰ O que não quer dizer que a organização e disciplina sejam desprezadas por Zweig, que chega a fazer uma grande apologia da obra dos jesuítas no Brasil, justamente por serem “realistas e calculistas exatos e clarividentes”,¹¹ em contraste com o modelo franciscano:

“Não são sonhadores vagos e confusos, e seu mestre Inácio de Loyola não é nenhum Francisco de Assis, que acredita numa suave fraternidade entre os homens. São realistas, e, graças a seus exercícios, sabem dia a dia refortalecer a sua energia, a fim de vencerem no mundo a imensa resistência das fraquezas humanas.”¹²

Ao plano jesuítico, é que o Brasil deve, segundo Zweig, a convivência pacífica de todas as raças ao longo dos séculos, a convivência que produziu um novo tipo de homem. É difícil de não observar que esta convivência pacífica é aqui condicionada pelos processos de uniformização:

“O que eles [jesuítas] fazem é um plano de campanha para o futuro, e o objetivo desse plano, que permanece fixo através dos séculos, é a constituição desta nova terra no sentido duma única religião, dum único idioma, duma única idéia.”¹³

A Europa, pátria espiritual de Stefan Zweig, tornou-se para ele inabitável. No Brasil ele encontra o clima humano e espiritual propícios, mas em

vez de habitá-lo, inserir-se na vida brasileira com todos os seus encantos, mas também contradições, ele constrói uma visão ideal, utópica, de um país distante porque do futuro, abdicando de exilar-se no seu presente.

4.

O português exilado, o brasileiro por adoção, o europeu inconformado, Agostinho da Silva não só se enquadra na história dos grandes testemunhos de passagem pelo Brasil, mas cria também um novo paradigma dessa passagem. Os anos que Agostinho da Silva passou no Brasil, entre 1944 e 1969, deixaram marcas profundas na memória cultural e intelectual do país.

O Brasil não era para Agostinho da Silva um país de exílio nem terra de criar raízes. Apesar de uma permanência de quase um quarto de século, era uma terra de passagem, ao longo da qual ele cumpria o destino e a vocação portugueses, demonstrando exemplarmente “a capacidade de andar ao biscate vendo o que podem fazer num sítio e, quando se esgotou, vão para outro lado fazer outra coisa”.¹⁴ São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, João Pessoa, Brasília, Florianópolis – eis os principais lugares por onde Agostinho da Silva passa no Brasil, deixando obras inconfundíveis. O que norteava este “andar ao biscate” tem a ver com outra capacidade portuguesa: a de mediação. Mediação como uma resposta ao apelo de transcender sempre os limites do conhecimento e da experiência, de superar as fronteiras que separam os homens, de dar o testemunho de solidariedade.

A chegada ao Brasil vista anos depois parece a Agostinho da Silva uma reviravolta na percepção da própria identidade e uma mudança radical de rumo, mas não tão radical que não pudesse permanecer também no âmbito do destino português.

“Portanto, a primeira coisa que apontaria na minha estada no Brasil foi a abertura de mim próprio (...). No Brasil tudo isso desapareceu completamente, entreguei-me à vida brasileira, muito mais ampla, muito mais livre e aos olhos europeus, aos olhos portugueses(...). Quer dizer, o que o Brasil fez comigo, logo que lá desembarquei, foi fazer-me dar um pulo como se tivesse pisado uma mola no chão, para ir cair aí pelo século XV ou XVI.”¹⁵

A terra prometida está sob os pés e não pode ser tratada como terra do exílio. O futuro desejado não é objeto de visão ou profecia, mas está incorporado no presente, numa vida que procura ser plena e livre para conhecer o

mundo e ajudá-lo a cumprir o seu destino. Destino esse que corresponde aos mais profundos desejos do homem.

No Brasil, terra de encontro, mas também de confrontos, confrontos de raças e culturas, Agostinho da Silva procurava ajudar – com uma amplitude de atividades e ações extraordinárias, como criação de universidades e centros de estudo, ajuda aos flagelados pela seca do Nordeste, e assessoria ao presidente da República, entre outros – o país a cumprir o seu destino e sua vocação, investindo no trabalho de aproximação a partir da valorização, investigação e documentação da sua herança multicultural, tanto no quadro nacional como internacional, com atenção especial às culturas ligadas pelos laços da língua portuguesa.

5.

O “Ensaio para uma teoria do Brasil”, Agostinho da Silva inicia definindo a cultura “das populações que, pelo descobrimento, entraram em contacto com o indígena brasileiro” (269).¹⁶ O Portugal daquela época entre o fim da Idade Média e os primórdios do Renascimento “afastava-se das linhas mestras do desenvolvimento cultural europeu” (270), marcado pelo abandono do sagrado e opção preferencial pelo desenvolvimento económico. Portugal, um fenómeno à parte, representava os valores e ambições espirituais e procurava projetá-los sobre o universo circundante.

“O português procura o mundo pela necessidade de adorar o abstrato por intermédio do concreto, de cultuar Deus através da sua Natureza (...). Fé e Império lhe apareciam como impossíveis de separar (...). Deste modo, e continuando num mundo renascentista, a linha medieva, o português fazia de todo o mundo a catedral” (270-271).

O próprio da cultura que se recusa a optar apenas pelo abstrato ou pelo concreto é a busca de um paraíso onde seja possível superar os limites desta dicotomia. No Brasil os portugueses encontraram uma cultura indígena, migratória, que “aparece também como que procurando um paraíso em que a sua vida se possa desenvolver fora de todas as limitações do tempo e do espaço” (271).

Agostinho da Silva chega então a afirmar que do encontro dessas duas culturas poderia surgir uma civilização luso-tupi, semelhante e até superior à civilização moçárabe, em que se encontraram o elemento popular da Península e o árabe “também inquieto, também viajante, também buscador de paraísos em que de nenhum modo se abandonava o terrestre” (271). O retardamento

de um Brasil paraíso ele explica partindo do pressuposto de que o fim supremo da humanidade, ou seja, o futuro Reino do Céu na Terra, todos os povos precisam alcançar ao mesmo tempo e nenhum grupo se possa adiantar. No momento do seu descobrimento o Brasil tinha tudo para construir a tal terra da promessa, mas ao mesmo tempo passou a fazer parte da economia mundial como um país colonial e “tinha de acompanhar o movimento comum e o acompanhou, compartilhando afinal do que era o sacrifício de todos” (272). Os ciclos econômicos do pau-brasil, do açúcar, e, principalmente, do ouro, são os ciclos de sacrifício, de desperdício de tão promissor hibridismo da cultura, que transformou o indígena em uma minoria, eliminada rapidamente: “a lei de Pombal, banindo o uso de Tupi, é o ponto culminante do drama brasileiro, que consiste essencialmente em ver-se arrastada pelas correntes de um mundo europeu, que lhe é estranho, a nação que estava ensaiando um teor de vida inteiramente novo” (273). Também a importação dos escravos negros contribuiu para a tal famosa tristeza brasileira.

Mesmo assim, com as mãos roídas pela lepra de uma economia que repelia, mas a que se submetia “para futura remissão e glória da humanidade”, o Brasil deixou na arte barroca a marca do seu gênio: a capacidade de sonho e reprovação da civilização urbanística.

A civilização europeia com o seu pragmatismo e disciplina, indispensáveis para o progresso e realização do paraíso futuro, foi, no entanto, imposta aos países do sul da Europa, a Portugal e, por seu intermediário, ao Brasil, e, como imposta, ela não podia funcionar bem. A imitação da cultura europeia no Brasil é pobre em relação à original, o que não quer dizer que essa pobreza seja intrínseca, pois o que é intrínseco é a “possibilidade na invenção do futuro”, e o mau funcionamento sob os critérios europeus é um atestado de vitalidade da cultura brasileira. O Brasil, por ser adiantado em relação à civilização do futuro, precisa esperar, sacrificando-se e contribuindo para que a Europa evolua criando condições técnicas para alcançar o paraíso que será de toda a Humanidade.

Com o século XX a civilização técnica e científica da Europa “atingiu o ponto em que já não se pode avançar mais”, cumprindo o seu papel de assegurar o domínio pelo homem das condições físicas de uma vida em liberdade – automatismo de fabricação, conquista de fontes de energia praticamente inesgotáveis – condições para praticar “o ócio sobre que se construíram as grandes culturas humanas” (275). A fase terminal da civilização europeia é marcada não só pelos triunfos técnicos e científicos, mas também pela crise: o absurdo da economia de produzir para lucrar, o homem medido pela eficiência prática, o desemprego.

A esperança do mundo não estaria então na Europa, mas “nos locais que até agora o europeu tratou (...) como colônias de exploração” (276). Pela eliminação, Agostinho da Silva chega à conclusão de que “é da América do Sul que a humanidade poderá esperar as indicações de novos horizontes” (277). Os países que dentro do universo sul-americano têm as condições de assumir “a missão de guia dos povos” são o Brasil e o México; o Brasil pelas suas “capacidades de simpatia humana, de imaginação artística, de sincretismo religioso, de calma aceitação do destino, de inteligência psicológica, de ironia, de apetência de viver, de sentido da contemplação e do tempo” (278). Da herança européia aproveitável, o essencial seria “a união harmônica de uma vida urbana e de uma vida rural” (278).

Ao desenhar o Brasil imaginado do futuro, Agostinho da Silva quer assentá-lo em bases econômicas sólidas para que “a fantasia pudesse tomar pé na realidade das coisas” (278). Considerando precária a posição do Brasil como exportador dos produtos valorizados nos mercados internacionais (“o produto que o Brasil poderia colocar virá de outros pontos mais barato e, porventura, de melhor qualidade”, 279), ele propõe uma economia “primacialmente de trocas internas” (279), que iria propiciar o desenvolvimento e exploração de todo o extenso território nacional.

Diante da intensidade do desmatamento e erosão do solo, assim como do fato dos solos tropicais não serem propícios para a sustentação da civilização baseada sobre uma agricultura de cereais, Agostinho da Silva propõe a arboricultura como a base econômica do desenvolvimento do Brasil. Além disso, a economia de desenvolvimento auto-sustentável exigiria a adoção da estratégia de policultura em regime cooperativo e uma descentralização da produção industrial.

Organizadas dessa forma, as bases da economia do Brasil servirão à eclosão de uma cultura que até agora não teve condições de florescer plenamente.

Mesmo que no “Ensaio para uma teoria do Brasil” não haja referências ao culto popular do Espírito Santo, é importante salientar que a interpretação desta festa popular, “difundida por todo o Brasil” pelos portugueses, cujos promotores eram os franciscanos, faz parte integral da visão do Brasil como o país do futuro de Agostinho da Silva, como uma confirmação da missão messiânica destinada a esse país, do qual “poderia partir” a “salvação da humanidade” (286).¹⁷ “Ali, naquele maravilhoso Brasil, teria apoio de sólida terra, não apenas pastoreio de nuvens, o sonho do Quinto Império, Império do Espírito Santo, profecia de Joaquim de Flora.”¹⁸

6.

Stefan Zweig e Agostinho da Silva convergem em considerar que o Brasil representa um modelo alternativo da cultura e do desenvolvimento ao da Europa contemporânea, um modelo muito mais atraente por ser baseado nos valores de humanismo e universalismo cristão, que deixaram de ser o alicerce do Velho Continente. Existem, no entanto, significativas diferenças. Na visão do Brasil de Stefan Zweig são valorizados, enfatizados e idealizados os processos de homogeneização e unificação, enquanto Agostinho da Silva acentua mais a diversidade e a liberdade brasileiras. Stefan Zweig atribui aos jesuítas e sua disciplina de organização um papel fundamental na formação da identidade brasileira, enquanto para Agostinho da Silva o modelo franciscano, ecumênico e heterodoxo, define melhor a alma do povo brasileiro. Para Stefan Zweig o Brasil é um país do futuro pelo que ele representa hoje, como um contraponto às deviações da civilização européia. Agostinho da Silva vislumbra no presente e no passado apenas um potencial daquilo que o Brasil pode ser amanhã.

Stefan Zweig pensava no Brasil, país do futuro, principalmente como numa gigantesca arca de Noé, em que do segundo dilúvio se salvaria o melhor da espécie humana e do mundo natural. Para Agostinho da Silva o Brasil é bem mais do que isso: é uma terra para a qual os portugueses transportaram o seu sonho da terra sem mal, que encontrou aqui o sonho semelhante de outros povos. Agora cabe ao Brasil ir transformando o sonho em obra, que já não se limitará apenas ao seu território, mas que irá se expandindo pelo mundo afora. O que importa é a mundialização do futuro que o encontro das culturas no Brasil fez germinar.

Notas

1 Comunicação apresentada no Congresso Internacional do Centenário do Nascimento de Agostinho da Silva, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no dia 17 de Novembro de 2006.

2 ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. Trad. de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941, pp. 11-12.

3 ZWEIG, Frederike. *Stefan Zweig. Unrast der Liebe*. Berna & München: Scherz Verlag, 1981, p. 242.

4 *Ibid.*, p. 244.

5 SCHWAMBORN, Ingrid. "Um europeu no Brasil." *In Brasil, país do passado?* Lúcia Chiappini, Antonio Dimas e Berthold Zilly (org.). São Paulo: Boitempo Editorial, Edusp, 2000, p. 38.

6 Cit. por SCHWAMBORN, Ingrid, *op. cit.*, pp. 35-36.

7 ZWEIG, Stefan. *Op. cit.*, p. 12.

8 *Ibid.*, pp. 14-15.

9 *Ibid.*, p. 16.

10 *Ibid.*, pp. 19-20.

11 *Ibid.*, p. 43

12 *Ibid.*, p. 39.

13 *Ibid.*, p. 43.

14 SOUSA, Antónia de. *Diálogos com Agostinho da Silva*. O Império acabou. E agora? Lisboa: Notícias Editorial, 2000, p. 42.

15 SILVA, Agostinho da. *Vida conversável*. Org. por Henryk Siewierski, Brasília: UnB, 1994, p. 42.

16 Aqui servimo-nos da edição do referido texto, in SILVA, Agostinho da. *Dispersos*. Introdução de Fernando Cristóvão. Apresentação e organização de Paulo Alexandre Esteves Borges. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988. Os números entre parêntesis no texto referem-se à paginação desta edição.

17 Cf., BORGES, Paulo. "Portugal e Brasil na senda do Pentecostes". In: SILVA, Agostinho da. *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa: Âncora, 2000; PINHO, Romana Valente, "A vivência de Brasil ou Do catolicismo humanista e ecumênico de Agostinho da Silva: os contatos com Jaime Cortesão e Gilberto Freyre. In *Agostinho da Silva e o pensamento Luso-Brasileiro*. Lisboa: Âncora Editora, 2006.

18 SILVA, Agostinho da. "Fantasia portuguesa para orquestra de história e de futuro", in SILVA, Agostinho da. *Dispersos*, op. cit., p. 702.

Resumo

Stefan Zweig e Agostinho da Silva, cada a seu modo, testemunhavam o presente e vislumbravam o futuro do Brasil e nele a esperança de um futuro melhor para o mundo. Na obra de Stefan Zweig, o Brasil ocupa um lugar episódico, embora de destaque, como um episódio do final dramático da sua vida. Na obra de Agostinho da Silva o Brasil é um tema privilegiado, além de ser uma experiência de vida intensamente inserida na história desse país. Stefan Zweig e Agostinho da Silva convergem em considerar que o Brasil representa um modelo alternativo da cultura e do desenvolvimento ao da Europa contemporânea, um modelo muito mais atraente por ser baseado nos valores de humanismo e universalismo cristão, que deixaram de ser o alicerce do Velho Continente. Existem, no entanto, significativas diferenças. Por exemplo, na visão do Brasil de Stefan Zweig, são enfatizados e idealizados os processos de homogeneização e unificação, enquanto Agostinho da Silva acentua mais a diversidade e a liberdade brasileiras.

Palavras-chave: Stefan Zweig; Agostinho da Silva; História do Brasil; Identidade Brasileira; Visões do Brasil.

Abstract

Stefan Zweig and Agostinho da Silva, each in his own way, witnessed the present and looked towards the future of Brazil wherein they saw a possibility of a better future for

the whole world. In Stefan Zweig's oeuvre Brazil holds an episodic, albeit distinct, position as the tragic conclusion of his life. In Agostinho da Silva's work Brazil is a privileged subject as well as the experience of a biography closely intertwined with the history of that country. Stefan Zweig's and Agostinho da Silva's views converged in regarding Brazil as an alternative cultural and developmental model in relation to the contemporary Europe, a model which they considered superior in that it was based on humanistic and universally Christian values which had no longer served as the basis for the Old World. There are, however, significant differences. For example, in Stefan Zweig's vision of Brazil the processes of homogenization and unification are highlighted and idealized, whereas Agostinho da Silva emphasizes Brazil's diversity and liberty.

Keywords: Stefan Zweig; Agostinho da Silva; Brazilian History; Brazilian Identity; Visions of Brazil.